

9. Formar anciãos que consolam o mundo

Para consolar o homem flutuante de hoje, já não é suficiente fornecer uma estabilização externa, isto é, de muros, disciplina, trabalho, horários, etc. Nem mesmo uma comunidade para lhe fazer companhia, que alivie a solidão de solteiros e solteiras que leva muitas pessoas a pedir para entrar no mosteiro já em idade madura. Porque a instabilidade de que o homem de hoje sofre é a incapacidade de fixar o próprio coração, os próprios pensamentos, os próprios sentimentos, a própria vontade, para uma realidade bela e boa, presente e eterna.

É claro que nossos mosteiros são chamados, hoje e sempre, a receber pessoas que querem entrar ou simplesmente procuram contato conosco, para ajudá-los a sair da acédia que se tornou cultura, que se tornou um estado dominante. É neste sentido que somos chamados a sermos transmissores da libertação de que Cristo, com sua presença e seu amor de Redentor do homem, vem sempre oferecer aos homens e mulheres de todos os tempos. Mas isto implica que nos deixemos formar primeiro pela sabedoria da vida que a tradição monástica e em particular a tradição beneditina nos transmite.

Quando lemos e apresentamos a Regra de São Bento, distinguimos o que é atual para hoje e o que não é mais atual. Estou, no entanto, sempre admirado com o pouco que não é mais atual neste texto antigo de 15 séculos. E às vezes percebemos que o que não era mais atual há 50 anos se tornou atual novamente hoje. Por exemplo, há alguns anos atrás, visitando uma comunidade confrontada, como quase todas as comunidades, com o problema deste ou daquele irmão que abusa da Internet, eu novamente entendi a importância, pelo menos simbólica, dos dois anciãos que São Bento encarrega de fazer uma ronda no mosteiro durante a *lectio divina* da comunidade, "para ver se não há, por acaso, algum irmão tomado de acédia, que se entrega ao ócio ou às conversas, e não está aplicado à leitura e não somente é inútil a si próprio como também distrai os outros." (RB 48,18).

Esses dois irmãos anciãos, assim, tornam-se guardiões da alma de seus irmãos, porque a acédia é uma doença da alma. Devemos levar essa imagem a sério, devemos levar isso a sério como comunidade e em nossas relações comunitárias. Nós somos "anciãos", somos "monasticamente" maduros quando temos e compartilhamos a preocupação de que nossos irmãos e irmãs não caiam na acédia ou permaneçam presos nela.

Hoje, temos de nos perguntar se temos e se formamos "anciãos" que saibam acompanhar as pessoas dissipadas e dissipadoras que o mundo atual produz em massa e que muitas vezes são jogadas em nós pelas ondas da sociedade líquida, como naufragos em uma praia desconhecida. Somos estes "anciãos", nos formamos, através de toda a nossa tradição monástica, a essa maturidade humana, estável, pacífica, benévola, que pode realmente transmitir uma verdadeira consolação ao homem de hoje?

Devemos sempre meditar na figura mais madura e consumada de monge que São Bento descreve na Regra: o ancião colocado na porta, o porteiro do mosteiro descrito no capítulo 66, que originalmente seria o capítulo final da Regra. Já falei dele em outro

Curso de Formação e em várias ocasiões. Se trata de um monge realmente estável interiormente, que pode permanecer na "periferia" do mosteiro sem correr o risco de dissipar-se. Um monge que é capaz de acolher e de um relacionamento benevolente e benedictino com todos. Um monge que sabe falar aos corações das pessoas, responder à sua busca de significado e amor. Um monge ardente de caridade. Tudo isso é descrito por São Bento com relação ao irmão porteiro (RB 66,1-4).

Podemos nos perguntar se a nossa vida comunitária, se a nossa observância, se a nossa disciplina, se as nossas adaptações para a situação atual, se tudo isso forma agora e sempre em nós e nos nossos irmãos e irmãs essa maturidade humana e espiritual. E também podemos nos perguntar se nos preocupamos em colocar esses monges e monjas onde o mosteiro está relacionado com o mundo. A "periferia" mencionada pelo Papa Francisco, frequentemente não se encontra a mil quilômetros do mosteiro: é na porta do mosteiro. E hoje, a porta do mosteiro já não é tanto a entrada física dos nossos edifícios, quanto as entradas virtuais e informatizadas, que estão por vezes nas nossas celas e em quase todo o recinto monástico. Temos a preocupação de que, mesmo naquelas portas, haja um sábio ancião cuja maturidade o impede de se dissipar? Estamos preocupados em sermos nós mesmos tão maduros no nosso permanecer nessas "portas"? Sabemos que muitas vezes não é esse o caso, mas o contrário!

A estabilidade interior própria dessa concepção beneditina da maturidade monástica não seria o verdadeiro meio de transmissão útil e necessário, urgente, da salvação de Cristo que hoje somos chamados a oferecer ao mundo, mesmo que nos sintamos cada vez mais frágeis e precários?

De fato, se considerarmos o capítulo 27 da Regra, entendemos que basicamente há apenas uma coisa que podemos e devemos transmitir: *a consolação*, uma verdadeira consolação, um acompanhamento que restaura a coragem e a confiança ao homem náufrago que o mundo atual produz e quer jogar fora e longe de si mesmo. Os milhares de refugiados que acreditamos vir de um mundo diferente do nosso, na realidade são como um espelho e um refluxo dos nossos resíduos, dos náufragos que o nosso mundo produz.

A necessidade de estabilidade, de permanência, que a humanidade flutuante de hoje está gritando para nós, é talvez uma grande oportunidade que o Espírito Santo nos oferece para recuperar a consciência do valor de nossa vocação e missão. Porque entendemos que o compromisso de nosso voto de estabilidade, a fidelidade que cultivamos, a permanência a que nos exercitamos, não são apenas para nós, mas um bem para transmitir ao mundo, um dom que somos chamados a compartilhar.

Mas esta transmissão não pode acontecer exceto através de nossas pessoas e comunidades. Não se trata de transmitir valores, de propor um estilo de vida, uma disciplina, mas uma experiência vivida que é transmitida apenas de pessoa para pessoa, ou melhor: transmitida apenas transmitindo, doando, dando aos outros, ao mundo, as nossas pessoas e as nossas comunidades.